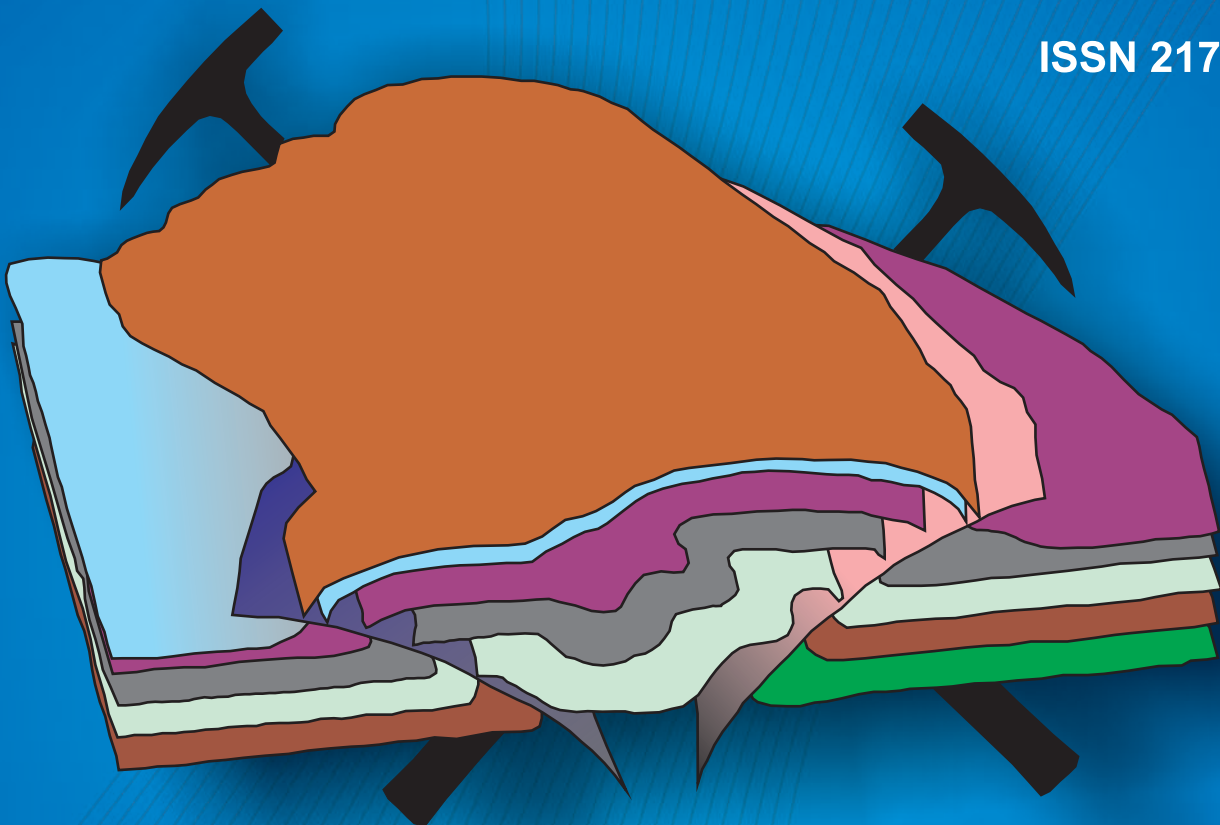


# Anais do XI Simpósio de Geologia do Sudeste

II SIMPÓSIO DO SUDESTE  
XV SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DE MINAS GERAIS

GRANDE COLISÃO PRECAMBRIANA DO SUDESTE BRASILEIRO E  
SUA RELAÇÃO COM A GEOLOGIA ESTRUTURAL - EBERT & HASUI (1998)

ISSN 2175-697X



**SÃO PEDRO (SP) - Hotel Fazenda Fonte Colina Verde**  
**14 a 17 de outubro de 2009**

## EDITORES

Fábio Braz Machado  
Iata Anderson de Souza  
Norberto Morales  
José Alexandre de Jesus Perinotto  
Andréa Simone Venancio  
Camila Hallite

## REALIZAÇÃO

NÚCLEO SÃO PAULO



NÚCLEO RIO DE JANEIRO - ESPÍRITO SANTO



NÚCLEO MINAS GERAIS



## PROMOÇÃO



## A CONSCIÊNCIA LOCAL NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO GEOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DE ITABORAÍ – ITABORAÍ (RIO DE JANEIRO)

Wellington Francisco Sá dos Santos; Ismar de Souza Carvalho  
Departamento de Geologia, IGEO/CCMN/UFRJ – Rio de Janeiro (tonlingeo@yahoo.com.br; ismar@geologia.ufrj.br).

São José de Itaboraí é um bairro rural do município de Itaboraí (Estado do Rio de Janeiro), que possui uma pequena bacia sedimentar preenchida por rochas calcárias ricas em fósseis de invertebrados e vertebrados, destacando-se os mamíferos. Esses restos e vestígios de organismos foram descobertos a partir da mineração realizada pela Companhia Nacional de Cimento Portland (Mauá), de 1934 até 1984. Todavia, a intensa atividade de mineração acarretou na destruição da maior parte dos afloramentos e os remanescentes encontram-se atualmente inundados ou recobertos por vegetação. Nesse sentido, buscando a preservação dos fósseis coletados, o desenvolvimento de estudos científicos e a educação e treinamento da comunidade local na questão ambiental, foi criado em 1995 o Parque Paleontológico de São José de Itaboraí, que se encontra atualmente em processo de revitalização. Nesse contexto, foram realizadas entrevistas com a população de São José de Itaboraí para avaliar a consciência de preservação que possuem em relação ao patrimônio geológico local. Os entrevistados foram questionados sobre quais fósseis existiam na bacia sedimentar; sobre a importância da comunidade na preservação do parque paleontológico e as possíveis contribuições que pudessem oferecer no sentido da conservação do lugar e acerca dos anseios da comunidade para a melhoria do espaço interno do Parque Paleontológico de São José de Itaboraí. Em geral, a população de São José de Itaboraí tem conhecimento da existência de fósseis no lugar e consideram, que se o projeto de revitalização do parque paleontológico for concluído, a localidade terá um crescimento social e econômico através do incentivo ao geoturismo sustentável. No entanto, os entrevistados confirmaram que atualmente o local está abandonado, pessoas residem no interior do parque, as instalações estão se deteriorando, as vias de acesso estão precárias e existem poucos funcionários para a conservação de toda a área. Não existem restaurantes, áreas de lazer, infraestrutura para deficientes físicos, salas de pesquisa e estudo, palestras e cursos, lojas de artesanatos com motivos ligados à Paleontologia e placas informativas e de sinalização. Os entrevistados crêem que a população de São José de Itaboraí possui importância na preservação do parque paleontológico e dos fósseis, contudo a maioria não valoriza o patrimônio devido a falta de conhecimento decorrente da pequena divulgação do local. Dentre as contribuições que os entrevistados podem oferecer no sentido da preservação do parque paleontológico e dos fósseis destacam-se o trabalho voluntário, a conservação e divulgação do parque e a conscientização sobre a importância do lugar. Assim, buscou-se a interpretação da identidade que a população de São José de Itaboraí possui em relação ao patrimônio geológico. Os resultados da pesquisa estão sendo utilizados em programas de informação e educação popular, em estratégias de geoturismo e em ações de conservação da natureza.

*Este estudo contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Proc. n° 305780/2006-9) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, Proc n° E-26/102.692/2008).*

154

## ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE AS INTERVENÇÕES ANTRÓPICAS NA GEOMORFOLOGIA DO RIO MURIAÉ COM AS FREQUENTES ENCHENTES DAS ÚLTIMAS DÉCADAS.

José Augusto Costa Gonçalves<sup>1</sup>; Deovair Monteiro César<sup>2</sup>; Mila Vasques Leandro<sup>3</sup>; Marcos Leôncio<sup>4</sup>; Lynaldo de Paula Silva<sup>5</sup>; Ellen Santos e Souza<sup>6</sup>; Gleyci Kelle Cordeiro Gonçalves<sup>7</sup>, Nathália de Almeida Feitoza<sup>8</sup>

<sup>1</sup>Doutorando Geologia, UFOP/Ouro Preto-MG - (jaucosta@gmail.com); <sup>2,3,4,5,6,7,8</sup>Ciências Biológicas/FAFISM-Muriaé-MG

O município de Muriaé possui uma população de 99.006 habitantes (IBGE 2008), uma área de 843,327 km<sup>2</sup> e uma densidade demográfica de 118,7 hab./km<sup>2</sup>. Situa-se na mesorregião da Zona da Mata mineira, apresentando altitude de 209.62m, latitude 21°07'51" sul e longitude 42°21'57" oeste em sua sede. O rio Muriaé é formado pela confluência dos rios Bom Sucesso e Samambaia, cujas nascentes localizam-se no município de Mirai a 900 m de altitude. Na Serra das Pedras, derivação da Mantiqueira, passa a ser denominado de Muriaé quando se encontra com o rio Santo Antônio, a 300 m de altitude, desaguando no rio Paraíba do Sul na cidade de Campos-RJ, com uma extensão de 250km.

No perímetro urbano da cidade de Muriaé o rio percorre um trecho de 6.708m. A alterações na sua geomorfologia associadas às frequentes inundações, tem proporcionado diversas catástrofes aos moradores ribeirinhos, bem como de forma indireta a cidade como um todo. Esse fato mostra a necessidade de estudos que venham nortear ações que possam aperfeiçoar as políticas de planejamento urbano referente a gestão municipal deste manancial. O presente trabalho tem como objetivo um diagnóstico preliminar das constantes inundações que proporcionam grandes prejuízos econômicos e sociais ao município. Para isto, foram utilizados registros fotográficos digitalizados do Museu Memorial de Muriaé, estudos *in loco*, mapas topográficos, geomorfológicos e geopolíticos da região, imagens de satélite *Google Earth*, e obtenção junto a HIDROWEB – Sistema de Informações Hidrológicas da ANA – (Agência Nacional das Águas), de dados pluviométricos da área de estudo.

O crescimento urbano e o desenvolvimento do município, se deu através de inúmeras intervenções sem planejamento no leito do rio, que o impactaram de forma irreversível a dinâmica fluvial do mesmo. A construção das Avenidas Juscelino Kubitschek e Dante Brum, a eliminação da mata ciliar, o asfaltamento das vias públicas, a construção de muros de contenção nas margens, aterramento de cerca de 50 hectares da planície de inundação do rio, retificação dos meandros, cujos cálculos de curvas de remanso confirmam que mudanças na profundidade do leito, as quais necessariamente ocorreriam como resultado da remoção de várias soleiras rochosas, que agem como represas naturais, afetam a hidráulica fluvial de montante em uma extensão muito grande. Desde a década de 40 até os dias atuais, algumas dezenas de enchentes de grandes proporções assolaram de forma impiedosa a cidade de Muriaé. As inúmeras modificações do canal, tem desestabilizado o regime de escoamento de base, acarretando futuras intervenções adicionais no rio para continuar a manutenção do calado mínimo requerido, o que irá colocar em movimento um círculo vicioso de intervenções no canal. A aceleração da concentração do escoamento superficial irá intensificar as cheias médias altas e extraordinárias, reduzindo o intervalo de recorrência das mesmas.